



**Ana Cláudia Fernandes Damasceno**

**Sonhos, trabalho e realidade: As memórias de dois migrantes nordestinos na cidade do Rio de Janeiro.**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel e Licenciada do departamento de História da PUC-Rio

**Profa. Dra. Larissa Rosa Corrêa**

Orientadora

Departamento de História - PUC-Rio

**Prfo. Dro. Rômulo Costa Mattos**

Leitor crítico

Departamento de História – PUC-Rio

Rio de Janeiro

dezembro de 2020

**Ana Cláudia Fernandes Damasceno**

**Sonhos, trabalho e realidade: As memórias de dois migrantes nordestinos na cidade do Rio de Janeiro.**

Trabalho de conclusão de curso para obtenção do título de Bacharel e Licenciada do departamento de História da PUC-Rio.

**Profa. Dra. Larissa Rosa Corrêa**

Orientadora

Departamento de História - PUC-Rio

**Prfo. Dro. Rômulo Costa Mattos**

Leitor crítico

Departamento de História – PUC- Rio

Rio de Janeiro

dezembro de 2020

Para e por eles, meus pais,  
Sr Francisco de Assis e dna Raimunda (*in memorian*).

## **Agradecimentos**

Inicialmente à Deus por toda força concedida nessa árdua caminhada e por sempre iluminar meus caminhos.

Ao meu amado pai, Francisco e minha mãezinha, Raimunda, que se encontra em outro plano, pelo seu amor, carinho e ensinamentos durante minha construção, que muito contribuiu para me tornar o que sou hoje.

Aos meus familiares e amigos, por todo carinho, momentos de descontração e incentivo, muito obrigada. Vocês foram essências, nessa caminhada.

Ao meu amado e companheiro Vander, pela paciência e pelo incentivo a cada semestre, como também na realização deste trabalho. Agradeço por nunca ter medido esforços para que eu concluísse essa etapa da minha vida.

À minha querida amiga Priscilla, com quem compartilhei todas as alegrias e aflições de cada semestre.

Agradeço também ao meu grande amigo, Renato, pelo carinho e parceria nessa jornada, muito obrigada.

À Profa. Dra. Marize Helena de Campos, que me ajudou na construção dessa pesquisa, pelas dicas, pelo carinho e principalmente pelas palavras de incentivos, muito obrigada.

Aos meus entrevistados migrantes nordestinos, que compartilharam suas experiências de vida, foi fundamental para a construção desse estudo.

Ao Profo. Rômulo Mattos, pela leitura crítica desta pesquisa, e por toda atenção, e auxílio nos momentos que precisei durante a minha a jornada acadêmica.

Um agradecimento especial à minha orientadora Profa. Dra. Larissa Corrêa, por ter aceitado o meu projeto, pela confiança na sua realização. Ressalto sua formação intelectual, gentileza, paciência, humildade, carinhosa, uma orientação competente e, sobretudo, o respeito pelo aluno, foram virtudes fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho, sou imensamente grata.

Aos funcionários do departamento de História da PUC-Rio sempre gentis e atenciosos, em especial para o Cláudio e Igor, pela paciência e auxílio nos momentos que sempre precisei, muito obrigada. Como também, a todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

## **Resumo**

O objetivo desta pesquisa é analisar o processo histórico dos deslocamentos migratórios da região Nordeste para a cidade do Rio de Janeiro, a partir do estudo de caso de dois migrantes nordestinos que residem na comunidade de Rio das Pedras, os quais chegaram no final da década de 70. Para isso, serão examinados, o período da ditadura civil militar, particularmente, o período chamado “Milagre Econômico” (1969-1973). Ademais, almeja-se entender de que forma este ápice econômico impactou na vida desses trabalhadores, apontando principalmente as ambiguidades presentes naquela época. Por fim, ressalto a cultura nordestina, como forma de fortalecer e valorizar, os sentimentos de identidade desses sujeitos históricos.

**Palavras- chave: Migração nordestina- trabalhadores- memória- identidade**

## **Abstract**

The objective of this research is to analyze the historical process of migratory displacements from the Northeast region to the city of Rio de Janeiro, based on a case study of two northeastern migrants residing in the Rio das Pedras community, who arrived in the late 1970s. For this purpose, the period of the military-civil dictatorship, particularly the period called “Economic Miracle” (1969-1973), will be examined. Furthermore, it aims to understand how this economic peak had an impact on the lives of these workers, pointing mainly to the ambiguities present at that time. Finally, I highlight the Northeastern culture, as a way of strengthening and valuing, the feelings of the identity of these historical subjects.

**Keywords: Northeastern migration- workers- memory- identity**

## Sumário

Introdução .....	8
1. “Estamos chegando daqui e dali/E de todo lugar que se tem pra partir .....	11
1.2. Contexto histórico sobre a migração nordestina no Brasil .....	11
1.3. O “Milagre” .....	17
2. Memórias de dois migrantes nordestino no Rio de Janeiro .....	19
2.1. Chegada, impactos e estratégias .....	19
2. 2. “foi muito difícil..., mas a vontade de trabalhar, foi mais, aí foi que me manti” .....	22
3. E nem só de trabalho se vive: matando a saudade da minha terra .....	26
6. Considerações Finais .....	29
7. Referências Bibliográficas .....	31

## **Lista de Ilustrações**

Ilustração 1- .....	14
Ilustração 2- .....	18
Ilustração 3- .....	23
Ilustração 4- .....	24

## Introdução

O objetivo desta pesquisa é analisar o processo histórico dos deslocamentos migratórios da região Nordeste para a cidade do Rio de Janeiro, a partir do estudo de caso de dois migrantes nordestinos que residem na comunidade de Rio das Pedras.<sup>1</sup> Esses migrantes chegaram no final da década de 70, em um momento que o Brasil ainda vivia os impactos da crise de 73, que marcou o fim do “Milagre Econômico”.

Através das entrevistas desses trabalhadores, busco principalmente entender como as ambiguidades por trás do “milagre econômico”, impactaram a vida desses migrantes. Para isso, serão examinados, o período da ditadura civil militar, particularmente, o período chamado “Milagre Econômico” (1969-1973).

Além disso, por meio dos relatos, pretendo mostrar como funcionou o processo de redes de sociabilidade, o qual foi o principal fator para consolidação da migração nordestina no Rio de Janeiro. Como base teórica, sobre este tema, uso a obra de Paulo Fontes, “*Mala de papelão e patuá nas costas*’: migrações nordestinas nos anos 1950 em São Paulo.<sup>2</sup>

A pesquisa será desenvolvida na linha metodológica da História Oral – Para tal, usarei a obra da historiadora Verena Alberti, “*Manual de história oral*”, a qual nos oferece orientações essenciais para a construção de estudos científicos sobre a história oral.

Portanto, vale ressaltar, que a construção desta obra, foi desenvolvida pelas práticas e as experiências de toda uma equipe que trabalhou no Programa de História Oral do Cpdoc.

Seguirei as indagações da autora, e analisarei as experiências dos migrantes nordestinos, através das entrevistas, como meio de entender os mecanismos que alimentam tal processo no Rio de Janeiro. Para fomentar a pesquisa, levo em consideração, a definição da autora: “a história oral é um método de pesquisa (histórica, antropológica, sociológica etc.) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que

---

<sup>1</sup> Localizada na Zona Oeste do Rio de Janeiro, Rio das Pedras surgiu na década de 50, como morada de retirantes nordestinos que chegavam ao Rio. Disponível em: <http://nephu.sites.uff.br/programa/mapeando-conflitos/mapeando-comunidades/comunidades-do-rio-de-janeiro/rio-das-pedras/#:~:text=Localizada%20na%20Zona%20Oeste%20do,sendo%20aterrada%20pelos%20pr%C3%B3ximos%20moradores.> Acesso em: 04 dez. 2020

<sup>2</sup> FONTES, Paulo. “*Mala de papelão e patuá nas costas*’: migrações nordestinas nos anos 1950 em São Paulo”. In. Um Nordeste em São Paulo. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

participaram de, ou testemunharam, acontecimento, conjunturas, visões de mundo, como forma de se aproximar do objeto de estudo.”<sup>3</sup>

Segundo Alberti, as entrevistas de história oral, gravadas e registradas, documenta uma versão do passado, com isso, presume-se que as comparações de variadas versões são objetos de estudos relevantes no meio científico, sendo assim é considerada uma fonte documental muito importante.

Nesse sentido, a autora ressalta que, a história oral como um documento:

“Trata-se de ampliar o conhecimento sobre acontecimentos e conjunturas do passado através do estudo aprofundado de experiência e versões particulares; de procurar entender a sociedade através do indivíduo que nela viveu; de estabelecer relações entre o geral e o particular através da análise comparativa de diferentes testemunhos, e de tomar as formas como o passado é apreendido e interpretado por indivíduos e grupos como dado objetivo para compreender suas ações.”<sup>4</sup>

Outrossim, a autora ressalta que, a partir de uma minuciosa análise das ações, estratégias e experiências desses sujeitos pode ser possível compreender, em sua complexidade, o processo de interações e solidariedade entre eles.

Ainda nesse sentido, no que se refere a memória e identidade desses indivíduos oprimidos, me baseio na obra “Memória, Esquecimento, Silêncio” de Michael Pollack, a qual salienta que: “ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à oficial”.<sup>5</sup>

Ademais, o autor aponta que, a história oral, pode ser analisada sobre duas perspectivas, individual e coletiva. Na visão individual a história oral segundo Pollack, são entrevistas sobre histórias de vidas, que são recolhidas de memórias individuais. Por sua vez, a história oral no seu prisma coletivo, de acordo com Maurice Halbwachs citado por Pollack “a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.”<sup>6</sup>

---

<sup>3</sup> ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p.18.

<sup>4</sup> Idem, p. 19

<sup>5</sup> POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, silêncio*. p. 4

<sup>6</sup> POLLACK, Michael, *Memória e Identidade Social*. p. 201

A pesquisa será composta por três capítulos:

No primeiro capítulo, apresento de forma concisa a contextualização histórica do fluxo migratório dos nordestinos no Brasil, mostrando como foi a trajetória destes trabalhadores nordestinos, as motivações que levaram esses migrantes a se deslocarem, sobretudo, como foi a luta e os dramas sociais desses atores históricos, que buscavam o sonho de uma vida melhor.

No segundo capítulo, me debruço nas memórias dos entrevistados e analiso as experiências desses sujeitos, salientando os aspectos culturais, sociais e econômicos.

No mesmo capítulo, demonstro de que forma funcionava as redes de sociabilidade, e como isso contribuiu para os migrantes estabelecer-se na cidade do Rio de Janeiro.

Além disso, aponto a importância da mão de obra destes trabalhadores no desenvolvimento econômico e político do país.

Ressalto principalmente as ambiguidades presentes naquela época.

No terceiro e último capítulo, comento sobre a cultura nordestina, como forma de fortalecer e valorizar, os sentimentos de identidade desses sujeitos históricos.

## **I Capítulo – “Estamos chegando daqui e dali/E de todo lugar que se tem pra partir...”<sup>7</sup>**

### **1.2 Contexto histórico sobre a migração nordestina no Brasil**

O presente capítulo dedica-se a apresentar de forma concisa a contextualização histórica do fluxo migratório dos nordestinos no Brasil.

O objetivo é descrever o panorama geral deste movimento em vários períodos, mostrando como foi a trajetória dos migrantes nordestinos. Ademais, expor quais foram as motivações que levaram esses migrantes a se deslocarem, sobretudo, como foi a luta e os dramas sociais desses atores históricos, que buscavam o sonho de uma vida melhor.

---

<sup>7</sup> LOBO, Edú, FILHO, Oduvaldo Vianna: Live At Teatro Paramount, São Paulo / 1965: Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=9w7YfgVFg-g>>. Acesso: em 3 de nov. 2020.

Inicialmente acentua-se que os movimentos migratórios sempre aconteceram no decorrer da história do Brasil. No entanto, o fluxo de migrantes partindo do Nordeste para outras regiões do país, principalmente para o Sudeste (São Paulo e Rio de Janeiro), foram mais intensos por causa do desenvolvimento econômico e da oferta de trabalho nesta região.

Sobre este processo, são pertinentes as palavras de Fausto Brito quando afirma que:

As análises econômicas e sociológicas sobre as migrações internas foram fortemente influenciadas, respectivamente, pela teoria do desenvolvimento econômico com oferta ilimitada de mão-de-obra e pela teoria da modernização social. Na primeira, encontra-se a concepção de que as migrações são um poderoso mecanismo de transferência da população de regiões agrícolas, densamente povoadas, e com uma produtividade do trabalho extremamente baixa, para os setores urbanos e industriais da economia capitalista, onde o progresso técnico intrínseco garante uma produtividade do trabalho muito mais elevada.<sup>8</sup>

Em tratando-se de causas determinantes que fizeram essas pessoas migrarem, existem fatores historicamente conhecidos, como por exemplo a seca – a qual sempre foi apontada como a principal razão dos deslocamentos destes trabalhadores. Porém, sabe-se que, outras condições como a pobreza, o desemprego, a estrutura fundiária e o desemprego social, foram decisivos para que eles fossem esperançosamente buscar uma nova vida, distante da sua região de nascimento.

A instabilidade econômica também foi propulsora relevante deste movimento. De acordo com Celso Furtado na segunda metade do século XIX o Nordeste passou por uma fragilidade na sua estrutura econômica, e isto aconteceu em decorrência do crescimento na produção do algodão, e simultaneamente com o aumento populacional principalmente, no Ceará. Isso acabou contribuindo para uma instabilidade estrutural na economia de subsistência do povo nordestino.<sup>9</sup>

Nos anos de 1877-1880 este desequilíbrio estrutural agravou-se, tendo em vista a grande seca que castigou a região. As pessoas daquela parte do país, primordialmente as do Estado do Ceará, se deslocaram para à Amazônia, local que passava pelo primeiro ciclo da borracha.

---

<sup>8</sup> BRITO, Fausto. *As Migrações Internas no Brasil: Um Ensaio sobre os Desafios Teóricos Recentes*. Texto apresentado no Taller CELADE de Migración Interna, Brasília, 2007: Urbanização, metropolização e mobilidade espacial da população: um breve ensaio além dos números. p. 5-6.

<sup>9</sup> FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. 24 cd. São Paulo, Editora Nacional, 1991, p. 135

Durante este período o Norte do país viveu o auge da extração e exportação de látex, necessitando de mão de obra para o desenvolvimento dessa atividade econômica. À vista disso, o governo incentivava a migração nordestina para a Amazônia, com a finalidade de suprir a carência de trabalhadores naquela localidade.

No que concerne à seca no Nordeste de 1877-1880, as suas consequências e, o estímulo a migração interna para a Amazônia, Furtado relata que:

Esse problema estrutural assumira extrema gravidade por ocasião da prolongada seca de 1877-80, durante a qual desapareceu quase todo o rebanho da região e pereceram de cem a 200 mil pessoas. O movimento de ajuda às populações vitimadas logo foi habilmente orientado no sentido de promover sua emigração para outras regiões do país, particularmente a região amazônica. A concentração de gente nas cidades litorâneas facilitou o recrutamento. Por outro lado, as condições de miséria prevaletes dificultaram, pelo menos durante algum tempo, a reação dos grupos dominantes da economia a região, os quais viam na saída da mão-de-obra a perda de sua principal fonte de riqueza. Iniciada a corrente transumante, foi mais fácil fazê-la prosseguir. Os governos dos estados amazônicos interessados organizaram serviços de propaganda e concederam subsídios para gastos de transporte. Formou-se, assim, a grande corrente migratória que fez possível a expansão da produção de borracha na região amazônica, permitindo à economia mundial preparar-se para uma solução definitiva do problema.<sup>10</sup>

Esses indivíduos migravam com o sonho de enriquecerem e voltarem para o Nordeste. Eles ficavam deslumbrados com a possibilidade de se tornarem ricos, porém, a grande maioria acabava frustrada, uma vez que, a realidade encontrada era bem diferente da que imaginavam, bem como das propagandas governamentais que incentivavam a ida para região. A realidade é que existiam várias frustrações, a exemplo, da ausência do lucro esperado, a exploração pelos seringalistas e o trabalho exaustivo nos seringais (para poder pagar suas dívidas contraídas no local).

A condição dos nordestinos na Amazônia foi retratada de modo preciso por Furtado, o qual enfatiza:

A situação do nordestino na Amazônia era bem diversa: começava sempre a trabalhar endividado, pois via de regra obrigavam-no a reembolsar os gastos com a totalidade ou parte da viagem, com os instrumentos de trabalho e outras despesas de instalação. Para alimentar-se dependia do suprimento que, em regime de estrito monopólio, realizava o mesmo empresário com o qual estava endividado e que lhe comprava o produto.[...] Os planos do imigrante nordestino que seguia para a Amazônia, seduzido pela propaganda fantasista dos agentes pagos pelos interesses da borracha, ou pelo exemplo das poucas pessoas afortunadas que regressavam com recursos, baseavam-se nos preços que o produto havia alcançado em suas melhores etapas. Ao declinarem estes de vez, a miséria generalizou-se rapidamente. Sem meios para regressar e na ignorância

---

<sup>10</sup> Idem, p. 135

do que realmente se passava na economia mundial do produto, lá foram ficando. Obrigados a completar seu orçamento com recursos locais de caça e pesca.<sup>11</sup>

Departamento de História – A Amazônia viveria outra vez o ciclo da borracha durante a Segunda Guerra Mundial, tal como o Nordeste experimentava o velho problema da seca, o que ocasionou mais uma vez a migração de nordestinos para a região, aproximadamente no ano de 1942. Destaca-se que, novamente houve incentivo do Governo, o qual utilizava de propagandas apelativas – com alto conteúdo cívico, daí surgirem expressões como “Batalha da Borracha” e os “Soldados da Borracha”.



Figura 1 ACandangolândia abrigava a sede da Novacap- 1959 <sup>12</sup>

Outrossim, no período bélico referido acima, o Brasil firmou vários acordos com os Estados Unidos da América – EUA, visando cooperação para o confronto mundial. Getúlio Vargas forneceu contingentes militares para as frentes de combate e assinou também os chamados Acordos de Washington, objetivando desenvolver a produção e fornecimento de matérias-primas aos EUA. E em troca “os Estados Unidos forneceriam ao Brasil material bélico, financiamento para programas de saneamentos (Vale do Rio Doce e Amazônia) e abastecimento alimentar.”<sup>13</sup>

Todavia, as condições de sobrevivência destes migrantes nordestinos eram difíceis, haja vista as péssimas condições de trabalho nos seringais, havendo exploração de todas as maneiras, o que fez muitos abandonarem os alojamentos que moravam, entretanto, como eles não conseguiam retornar ao local de origem, passavam a viver nas periferias, como bem observou Guillen:

<sup>11</sup> Idem, p.136

<sup>12</sup> Agência Brasília Disponível em: <<https://agenciabrasilia.df.gov.br/2019/10/24/nascidas-com-brasilia-as-ocupacoes-pioneiras/>> Acesso: em 19 de nov. 2020

<sup>13</sup> GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *A Batalha da Borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo*. Revista de Sociologia e Política. N° 9,1997, p. 95.

De fato, para o trabalhador que tinha migrado restava tentar sobreviver, enfrentando não só as agruras da selva amazônica e o arcaico sistema de aviação implantado nos seringais desde o período áureo da borracha, mas tendo também que reelaborar substancialmente seus referenciais culturais, espaciais e temporais.<sup>14</sup>

No que tange a migração interna dos anos de 1930, esta foi intensificada no governo de Vargas, posto que, através da promulgação da lei de cotas de 1934<sup>15</sup> o governante restringiu a entrada de imigrantes, o que provocou a necessidade de substituição dessa mão de obra por trabalhadores brasileiros, gerando assim, o deslocamento de pessoas do campo, principalmente para as cidade de São Paulo e Rio de Janeiro, buscando melhorar suas condições de vida.

A “lei de cotas” era prevista na Constituição de 1934, sendo pertinente a reflexão de Tiago da Silva Coelho, quando afirma que Vargas estabeleceu a política de cotas pretendendo conter os avanços das ideias anarquistas e comunistas propagadas pelos imigrantes, desconhecidas pela grande massa dos trabalhadores brasileiros a época, conforme palavras suas abaixo:

Estiveram à frente das movimentações os imigrantes estrangeiros, que trouxeram consigo da Europa a ideia de luta de classes e o ideal anarquista/comunista, disseminando-o entre os operários nacionais. Muitos dos estrangeiros presos entre os manifestantes e grevistas eram deportados para seus países de origem, isso unido às dificuldades encontradas por alguns grupos de imigrantes no estabelecimento nas fazendas, assim como a diminuição na entrada de imigrantes estrangeiros, serviram de justificativa para o governo apresentar a lei de cotas de trabalhadores nacionais por empresa contida na lei de sindicalização. Somente poderiam trabalhar em fábricas no Brasil 1/3 de estrangeiros, mais de 60% dos trabalhadores das indústrias nacionais deveriam ter origem brasileira.<sup>16</sup>

Isto posto, considera-se que um dos fatores que contribuíram para a migração interna foi a necessidade de substituição da mão de obra estrangeira reduzida devido a lei de cotas, aliada a uma nova estiagem que assolava o Nordeste, fazendo com que a população da região precisasse migrar para o Sudeste, especialmente Rio de Janeiro e São Paulo, tendo em vista que estes Estados passavam por um processo de industrialização.

Ainda no que se refere ao fluxo dos retirantes nordestinos para o Sudeste brasileiro, este continuou elevado no decorrer dos anos, acentuando-se a partir de 1946,

---

<sup>14</sup> Idem p. 97

<sup>15</sup> Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm)>. Acessado em: 06 de nov. 2020.

<sup>16</sup> COELHO, Tiago da Silva. *Migração Nordestina no Brasil varguista: diferentes olhares sobre a trajetória dos Retirantes*. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012, p 64-64.

crecendo gradativamente entre as décadas de 50 a 70. Neste rumo, frise-se que os anos 50, foi o período de maior dinamismo da migração nordestina para às grandes metrópoles, tendo como ponto central o forte de desenvolvimento econômico experimentado a época, ocasião a qual se que passava por um vigoroso processo de industrialização e urbanização.

Em se tratando de ideal desenvolvimentistas no Brasil o governo de Juscelino Kubitscheck (1955-1960) é a referência, o qual através do intitulado Plano de Metas (50 anos em 5) buscava a industrialização do país, utilizando-se para tanto de grandes investimentos públicos, notadamente na área de infraestrutura e, incentivo fiscal ao setor secundário para sua ampliação e modernização.

Salienta-se que, o plano desenvolvimentista de Kubitscheck só foi possível devido a estrutura capitalista (acumulação de capital) deixada por Vargas. Nada obstante, as perspectivas desenvolvimentistas propostas pelos ex-presidentes eram diferentes, com efeito Kubitscheck substituiu o progresso do país de cunho nacionalista de Vargas, por um desenvolvimentismo que aliava o Estado, a iniciativa privada e capital internacional (especialmente empréstimo), havendo uma conciliação entre os detentores do poder, como aponta Maria Victoria Benevides na seguinte passagem:

O juscelinismo representava – ao lado de uma posição inovadora quanto a quanto a industrialização e ao crescimento econômico – uma aliança política conservadora, que reunia os interesses da burguesia comercial, da oligarquia rural e da classe média tradicional, representadas nos partidos PSD (Partido Social Democrático) e PTB (Partido Trabalhista Brasileiro). Essa composição de forças significava o apoio da industrialização modernizadora, aliada à manutenção da “paz e tranquilidade” no campo; a criação de empregos e mobilização do voto urbano, e o controle sobre as reivindicações sindicais, principalmente por através do vice João Goulart, que dominava o Ministério do Trabalho.<sup>17</sup>

Na concepção de Kubitscheck o desenvolvimento produzido pelo plano de metas por si geraria o desenvolvimento social, ou seja, o crescimento econômico elevaria o padrão de vida da população.

Neste sentido, a seca de 1958 no Nordeste suscitou a preocupação do presidente Kubitscheck, como escreveu Pedro Henrique Vieira Martins Toledo:

A situação gerada pela seca de 1958 no Nordeste acabou por provocar uma forte preocupação no governo de Juscelino Kubitschek que culminou na convocação de Celso Furtado, que voltava de Cambridge

---

<sup>17</sup>BENEVIDES, Maria Victoria. O Governo Kubitschek: a esperança como fator de desenvolvimento. In: GOMES, Angela de Castro (org.). O Brasil de JK. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991, p. 12.

na Inglaterra, para apresentar um programa de ação para tratar dos problemas no Nordeste.

É, portanto, nesse contexto que Furtado em 1959 elabora “Uma Política de Desenvolvimento Econômico para o Nordeste”, também conhecido como Relatório do GTDN. Através dele, Furtado faz uma análise precisa sobre a economia nordestina e propõe planos de ação para reverter o quadro de perda de importância econômica da região e torná-la menos suscetível a graves impactos gerados pelas secas no semiárido.<sup>18</sup>

Como já dito ao longo desta monografia, a seca regulamente foi o elemento motivador para que os nordestinos migrassem para outras regiões, não sendo diferente a época de Kubitscheck, naquele momento um contingente de nordestinos que ficaram conhecidos como “candangos” se deslocaram para trabalhar na futura capital do país, Brasília, objetivando melhorar suas condições de vida.

Por fim, cabe mencionar a criação em 1959 da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, autarquia federal que almejava a promoção e desenvolvimento da região nordestina, qual ainda existe.

### **1.3 O “Milagre”**

Inicialmente, é importante registrar que durante a Ditadura civil-militar foi instituído o programa governamental denominado de Política Nacional de Migrações Internas, o qual aspirava racionalizar a distribuição geográfica da população para ocupação de espaços vazios; prestar assistência social aos migrantes e; produzir um sistema de informação a respeito destes migrantes.

No contexto desta política migratória estatal o Brasil viveu o chamado “Milagre Econômico”, que corresponde aos anos de 1967 a 1973. Neste período, o Brasil passou por um ritmo de vultoso crescimento econômico, consoante apresenta Luís Aranha Correia Lago:

De 1967 a 1973 o Brasil alcançou taxas médias de crescimento muito elevadas e sem precedentes, que decorreram em parte da política econômica então implementada principalmente sob a direção do

---

<sup>18</sup> Memorial da Democracia Disponível em: <<http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasilia/5>>Acesso: em 19 de nov. 2020

Ministro da Fazenda Antônio Delfim Neto mas também de uma conjuntura econômica internacional muito favorável. Esse período (e por vezes de forma mais restrita os anos 1968-1973) passou a ser conhecido como o do “milagre econômico brasileiro”, uma terminologia anteriormente aplicada a fases de rápido crescimento econômico no Japão e em outros países.<sup>19</sup>

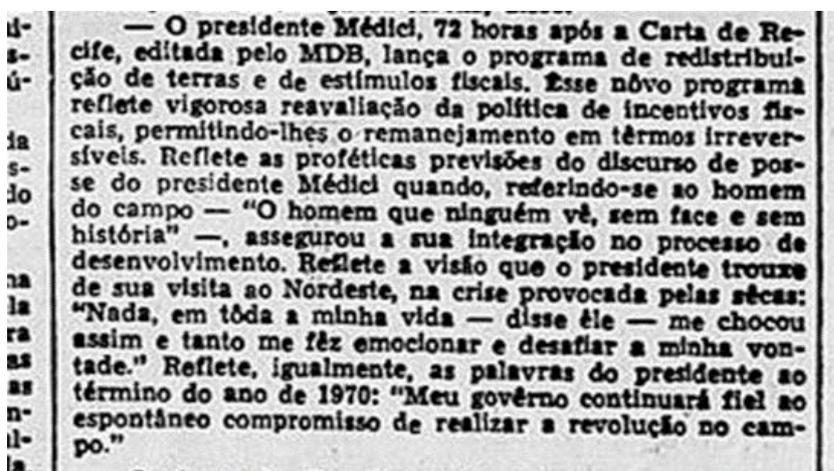


Figura 2. Governo de Médici, apresentando o Programa de Integração Nacional<sup>20</sup>

Acentua-se que esse foi um tempo marcado por características obscuras, pois, embora a economia do Brasil estivesse no seu ápice, simultaneamente a desigualdade social aumentou, os trabalhadores eram explorados e o país vivia o período da maior repressão estatal aos opositores do governo militar, que era presidido a época por Emílio Garrastazu Médici.

Neste cenário, em razão do arrocho salarial imposto aos trabalhadores, muitos precisavam fazer horas extras como única forma de aumentar a sua renda. Assim, de acordo com Ana Beatriz Ribeiro Barros da Silva:

O cumprimento de horas-extras era praticamente uma imposição aos trabalhadores e aqueles que se recusassem aumentavam suas chances de demissão. Mas claro que a grande maioria aceitava as horas-extra como forma de melhorar seus ganhos, frente ao arrocho salarial. Na época do “milagre”, a semana básica era de 56 horas de trabalho e era comum que os operários de alguns setores trabalhassem aos sábados e domingos.<sup>21</sup>

<sup>19</sup> LAGO, Luiz Aranha Corrêa do. “Milagre Econômico Brasileiro”. In: ABREU, Alzira Alves de. (org.). Ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro, FGV-CPDOC, 2001 [1984], Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/milagre-economico-brasileiro>> Acesso em: 27 de nov. 2020

<sup>20</sup> Correio do Amanhã. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional (Hemeroteca), ano 1971. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_08/22070](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_08/22070)> Acesso em: 06 de nov. 2020.

<sup>21</sup> p. 101

O “Milagre”, como observar-se não foi para todos, a distribuição de renda ocorreu desigualmente. Naquele período houve o aumento da concentração de renda, favorecendo somente as camadas ricas, enquanto os pobres sofriam com a inflação e o arrocho salarial. De acordo com Silva, o “Milagre” foi construído na base da exploração da mão de obra dos desafortunados, sendo estes os reais pilares do crescimento econômico, nos dizeres da autora:

Os idealizadores do planejamento econômico do governo concordavam que sacrifícios seriam necessários para promover o desenvolvimento do país, mas como vimos, o “milagre” econômico foi construído à custa de grande sofrimento por parte dos trabalhadores, os verdadeiros sustentáculos do crescimento econômico. Por conseguinte, a concentração de renda no Brasil aumentou de forma dramática: se em 1960 os 50% mais pobres detinham 17,71% do PIB, em 1976, detinham apenas 1,6%. Já os 5% mais ricos, que em 1960 possuíam 27,69% do PIB, em 1976 eram responsáveis por 39%.<sup>22</sup>

## **II Capítulo – Memórias de dois migrantes nordestino no Rio de Janeiro**

### **2.1 Chegada, impactos e estratégias**

O desenvolvimento econômico do Brasil na década de 70 teve seu auge no período do “Milagre econômico”. No entanto, no Nordeste houve pouca mudança, assim, a desigualdade social, o baixo índice de desenvolvimento e a falta de emprego permaneciam enquanto problemas.

Nesse cenário, dentre os vários migrantes que vieram para o Rio de Janeiro, especificamente em 1977, chegou Maria Lucia Matias da Silva, que residia no Município de Lucena, localizado na região metropolitana de João Pessoa – Paraíba, que na visão dela, “era um lugar muito atrasado, não tinha trabalho, mas a gente veio pra cá, pra ver, pra conseguir uma coisa melhor”.

Maria Lucia relata que seu esposo João Trajano da Silva, já estava morando no Rio a um ano, o qual veio na frente em busca de trabalho, juntou dinheiro e mandou buscá-la. Maria Lucia conta que veio depois acompanhada de um senhor, amigo da

---

<sup>22</sup> Idem, 98

família, que também estava vindo em busca de trabalho. Ela deixou seus dois filhos na Paraíba, um com 2 anos, e o outro com 5 meses de nascido.

Em outro momento, em 1979, um segundo migrante desembarcava no Rio de Janeiro, Francisco de Assis Damasceno, o qual deixava a sua cidade localizada em Reriutaba no Estado do Ceará, para integrar-se a um contingente de retirantes que buscavam melhores condições de vida e trabalho, como verifica-se em sua fala quando diz “através do trabalho, por causa que na minha terra a situação financeira é precário”.

Sobre o processo migratório de trabalhadores rurais para cidade, Paulo Fontes em sua obra, traz elementos importantes, os quais permitem a compreensão de como se desenvolveu este deslocamento. O autor enfatiza que os movimentos migratórios eram organizados a partir de estratégias, que contribuíam para a formação do movimento migratório.

No que diz respeito a essas estratégias apontadas por Fontes, os migrantes aqui citados, operavam do mesmo modo, como declara Maria Lucia – “aqui quem tava era o irmão dele mais velho” –, ao se referir ao irmão de seu esposo que foi pioneiro na Cidade do Rio. E através das redes de contatos – cartas – eles mandavam informações sobre as oportunidades de emprego, para que também os familiares pudessem realizar o deslocamento.

Foi desta forma que Francisco soube que poderia melhorar a sua condição financeira, como vê-se na seguinte fala – “os outros que vieram primero, do meu estado, através desses... por exempu, meu tio estava aqui, irmão do meu pai (...)”. Fontes ressalta a importância dessas estratégias desenvolvidas pelos migrantes, “Eles também foram agentes do seu próprio movimento e dessa forma, através de estratégias diversas, contribuíram na moldagem do processo migratório”.<sup>23</sup>

Em relação as estratégias mencionadas acima, Maria Lucia conta a forma como os moradores se organizavam, e ajudavam um ao outro, tendo em vista a ausência de serviços públicos essenciais, consoante palavras suas: “não tinha associação não... escute, quando eu cheguei aqui não tinha luz, não.” “Que eu me lembre, os próprios moradores se

---

<sup>23</sup> Idem, Op. Cit., p. 54

reunia e fazia suas coisas” pra ter luz, eu não sei o que foi qui fizeram que botaram a energia, nós passemu um bom tempo sem luz normal.”

Aqui, pontua-se que embora Maria Lucia e Francisco fossem articulados, não tinham uma “consciência” política, como se nota nesta fala – “a pessoa do interior, não liga, não entende tanto também, percausa que, não tem estudo, não tinha informação de nada disso”. Entretanto, em busca de melhorias coletivas, eles se reuniam e criavam suas próprias redes associativas, ou seja, criaram a sua própria política como forma de sobrevivência.

Quando indagado sobre algum tipo de organização dos migrantes nordestinos para reivindicação direitos trabalhistas, Francisco diz desconhecer qualquer associação com esta finalidade. Em contrapartida, os retirantes entrevistados por Fontes, faziam parte de um grupo mais organizados politicamente.

Além de todos os dramas experimentados com a chegada em uma Cidade nova, esses migrantes, tiveram que conviver ainda com o embate cultural. Relativamente a isso, Francisco expõe, “estranhei muito” com a maneira de se vestir do carioca, “o traje do nordestino, na época, que chegava aqui, eles eram visto assim, tipo assim... caipira. Então é o seguinte, o traje não batia com o pessoal daqui.”

O tratamento dado aos nordestinos em São Paulo e Rio de Janeiro foi (e ainda permanece) depreciativo, para os cariocas os migrantes são “paraíbas”, já os paulistanos denominam de “bairanos”. Assim, é que independente da região do Nordeste todos eram (são) “paraíbas” ou “bairanos” de modo generalista.

Quanto a esta generalização, Fontes assinala que:

Apesar das semelhantes experiências migratórias, as diferenças entre os próprios migrantes nordestinos eram consideráveis. Nordeste, sertão, norte, bahia, eram categorias genéricas que se referiam a diferentes lugares de origem. [...] No entanto, ao chegar a São Paulo, as várias diferenças entre os nortistas tenderam a ser homogeneizadas<sup>24</sup>.

Não foi diferente com os nordestinos que chegavam no Rio de Janeiro, foram enxergados como pessoas inferiores. Daí os estereótipos e estigmas contra os retirantes, como aponta Durval de Albuquerque Jr.:

---

<sup>24</sup> Idem, Op. Cit., p. 69

O discurso da estereotipia é um discurso assertivo, imperativo, repetitivo, caricatural. [...] O estereótipo nasce de uma caracterização grosseira, rápida e indiscriminada do grupo estranho; este é dito em poucas palavras, é reduzido a poucas qualidades que são ditas como essenciais<sup>25</sup>.

A forma de como o preconceito atingia os nordestinos é bem retratada no depoimento de Francisco, quando ele lembra que “o nordestino na época, pra conseguir um namoro aqui, não conseguia... porque as nordestinas não ficava aqui”. Ao ser questionado, se era por causa do preconceito, ele responde de forma bem incisiva, “muito, com certeza!”, “pra elas, todo mundo era “paraíba”” – Naquela época, segundo Francisco, normalmente o homem vinha para o Rio trabalhar e a esposa ficava no Nordeste.

## **2. 2 “foi muito difícil..., mas a vontade de trabalhar, foi mais, aí foi que me manti”**

Assim como a maioria dos migrantes daquela época, Francisco e Maria Lucia vieram para o Rio devido à seca no Nordeste em busca de trabalho. Francisco narra que:

“(...) realmente tava seco, o que motivou, motivou eu vim pra cá mais, por causa da seca, porque lá nós não tinha, não tinha como se manter a lavoura, por causa, porque não tinha o que plantasse, plantar como? Tava seco! Ih realmente, eu acho que a maioria dos nordestinos, na época, vinha mesmo por causa de falta d’água mesmo.”

Francisco esclarece que chegando no Rio de imediato conseguiu emprego, pois, tinha um parente que trabalhava em uma empresa, e com isso, teve sua contratação na mesma facilitada. Afirma que mesmo sem qualificação a necessidade o levou à superação da inexperiência profissional, em outro setor, que não o agrícola. Diante disso, diz era “trabalhar só com a disposição, e se adaptava por causa da vontade de trabalho.”

Relata que seu primeiro emprego foi na construção civil, posto que na época essa era a atividade em alta. Ele conta que naquele momento muitos edifícios estavam em construção, principalmente na Barra da Tijuca.

---

<sup>25</sup> ALBUQUERQUE JR., D. M. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 1999, p. 18.



Ilustração-3 Barra da Tijuca na metade dos anos 70/ Sebastião Marinho 1975<sup>26</sup>

Revela que ao receber o seu primeiro salário pagou o empréstimo que conseguiu para custear a sua vinda ao Rio, conforme suas palavras: “Pra viajar pra o Rio, a gente por exempu, fazia um emprésti, pra quelas pessoas que tinham mais condições lá... pra mim trabalhar aqui, mandar o dinheiro pra eles, pra pagar... pra pagar aquela passagem, tipo emprésti”

Retornado a Maria Lucia, esta não conseguiu um emprego fixo, mas como forma de remuneração, ela “lavava a roupa dus’ homi que trabalhava em negócio de obra, e fazia minhas faxinazinhas, em casa di família, aí eu ia juntano meus trocadin”, “era tudo difícil minha filha, em 77 as coisas era tudo difícil”.

Nesse contexto, o Brasil ainda vivia os impactos da crise do petróleo, a qual marcou o fim do “Milagre Econômico”, e com isso, as ambiguidades encobertas pelo “milagre” foram expostas, como registraram Amélia Coutinho e Maria Cristina Guido:

Os principais problemas de economia em fins de 1978 continuavam sendo o crescimento da taxa de inflação, então situada em 42%, e da dívida externa de 42 bilhões de dólares. Prosseguiu também o processo de concentração de renda verificado pelo censo de 1970, com um aumento de 14% na participação do decil mais rico da população na renda nacional.

<sup>26</sup> Barra da Tijuca na metade dos anos 70: Crescimento acelerado das décadas seguintes/ Sebastião Marinho 25/06/ 1975 .Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-urbanizacao-da-barra-o-plebiscito-9331589> Acesso em: 06 de nov. 2020

Da leitura do fragmento acima, constata-se que o país atravessava sérios problemas socioeconômicos, sendo interessante registrar a impressão de Maria Lucia recém chegada ao Rio:

eu pensei que era uma cosa, que o povo falava quando chegava lá... Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, isso aquilo o outro... quando eu cheguei aqui, que eu fui morar dentro dum barraquinho, quando começou a chover, que eu levei logo um banho de chuva, logo durminu, né! O barraco encheu, minha sorte que eu não tava com os minino. Mas, foi erguendo né, não tava trabalhando ainda.

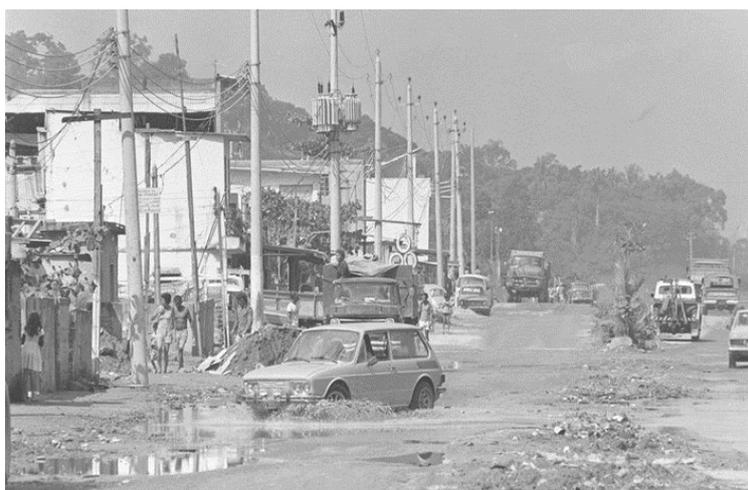


Figura 4 Rio das Pedras<sup>27</sup>

Dentre os vários infortúnios que sofreram, ambos os retirantes declaram que a maior dificuldade era conviver com a angústia da saudade dos familiares que ficaram no Nordeste, como disse Maria Lucia: “eu sofri muito com saudade dos meus minino, que eu deixei lá, eu chorava toda noite...”. Do mesmo modo, Francisco declara que: “foi muito difícil... mas senti muita saudade, mas a vontade de trabalhar, foi mais, aí foi que me manti aqui.”. Esta foi a sina de muitos migrantes nordestinos, que independente do sofrimento, precisavam trabalhar longe de sua terra natal, uma vez que, a carência financeira os compelia a permanecer distante de casa.

É interessante que nos depoimentos de ambos os migrantes, consta a declaração de que viveriam tudo de novo, apesar de todas das adversidades, pois foi deste jeito que conseguiram construir o que possuem:

“graças a Deus, eu não tenho que, assim, nesse ponto aí, eu não tenho que reclamar, por mais que eu passei, por tudo que já passei, pela dificuldade, consegui buscar meus filhos, aí eu graças Deus não recrio de nada não,

<sup>27</sup> **Rio da Pedras** Disponível em: < <https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-favela-de-rio-das-pedras-9583472>> Acesso em: 06 de nov. 2020

agradeço por tudo que eu consegui, foi aqui, eu consegui com toda a minha dificuldade, eu consegui aqui.”

Verifica-se nas memórias dos entrevistados as ambiguidades que sentiam. E isso fica evidente desde o instante que começam a narra os motivos para migrarem, deixando parentes, família e amigos – arriscando-se numa vida em outra região, no desejo de ter uma vida melhor para si, bem como proporcionar isto aos que ficaram.

Nada obstante, ao chegar no Rio o martírio continuava, viviam em condições precárias, entretanto, se diziam realizados. Esse paradoxo fica claro na fala de Maria Lucia:

“Assim, logo naquele começo, eu achava melhor do que agora, dez mil vezes, só que as coisas era difícil né, aqui não tinha nada, aqui não tinha uma feira, a gente fazia compra na Cidade de Deus, e quando juntava um dinheirinho, um trocadinho, ia no mercado, na Freguesia.”

“A gente morava di aluguel, morava di aluguel ali, aí dali, dali mermo eu passei pra qui, que era melhor”.

“Naquele tempo pra comprar, ainda me lembro, eu comprei meu primeiro ventilador, eu comprei em Cascadura, era onde tinha uma loja de móvi, era em Cascadura, juntava aquele trocadinho, porque aqui é muito calor, eu ainda me lembro, foi a primeira coisa que comprei.”

Em consonância com o exposto acima, constata-se que, as ambiguidades são presentes na memória dos migrantes, a exemplo da Maria Lucia, que reconhece todos os percalços vividos na época, ainda assim, considera que viveu melhor.

### **III Capítulo – E nem só de trabalho se vive: matando a saudade da minha terra**

Mas a vida dos migrantes não era só trabalho, como estavam na “Cidade Maravilhosa” eles aproveitavam para conhecer a região, Francisco relata que “gostava muito de andar, passear, conhecer o Rio”, e suas amizades “era mais os nordestinos”, e “nas folgas eu ia pra Feira de São Cristóvão pra se encontrar com meus amigos, além da feira, segundo ele, existia outros pontos de encontro, como em “Copacabana e a feira de Caxias”. Essa era uma forma que Francisco encontrava para aliviar a saudade da sua família e da sua cidade.

A Feira de São Cristóvão é o principal centro cultural dos migrantes nordestinos na Cidade do Rio de Janeiro, este local é considerado como espaço de convivência e manifestações culturais da região nordestina na capital fluminense. É o lugar em que existe a preservação das relações de identidade e memória, conforme escreveu Sylvia Regina Bastos Nemer:

Ponto de convergência entre o Nordeste e o Rio de Janeiro, a Feira de São Cristóvão, popularmente conhecida como “Feira dos nordestinos”, funcionou, durante várias décadas, no Campo de São Cristóvão transformado, pelos poetas migrantes, através das narrativas em circulação nos seus folhetos, em “lugar de memória”: lugar onde o nordestino que havia deixado a sua casa em busca de novas oportunidades se reencontrava com os seus conterrâneos, com as músicas, as comidas, as bebidas, os jogos, os objetos que lembravam o seu passado, a sua terra natal.<sup>28</sup>

O Nordeste tem uma imensa riqueza cultural, como por exemplo, a histórica, a turística, a culinária, de festas, de artes e de muitos costumes, enfim, um vasto campo de símbolos culturais. A respeito disso, dentre as diversas concepções possíveis, para os fins deste trabalho, adere-se a ideia de cultura proposta Rodney William que assinala:

O conjunto de características humanas que não são inatas e abarcam muito mais do que aspectos visíveis, concretos. O jeito de andar, falar e pensar; de se vestir, se portar e sentir; a fé, a visão de mundo, as relações; as criações, as instituições e os valores de um grupo; a arte e o saber. Em síntese, cultura pode ser compreendida sob vários ângulos: ideias, crenças, valores, normas, atitudes, padrões, abstrações, instituições, técnicas etc. Tudo isso, inserido na cultura de um povo, possui significados e história.<sup>29</sup>

O início da Feira de São Cristóvão aconteceu em 1945. Nesta época, os retirantes nordestinos chegavam ao Campo de São Cristóvão em caminhões, conseguindo trabalhos na construção civil. O local transformou-se em ponto de encontro devido ao encontro dos recém-chegados com parentes e/ou conterrâneos, em festas ao som de muito forró e comida típica.

É neste contexto que surgiu a Feira, a qual permaneceu ao redor do Campo de São Cristóvão por volta de 58 anos, quando em 2003 o antigo pavilhão foi reformado pela Prefeitura do Rio de Janeiro, transformando-se no atual Centro Municipal Luiz Gonzaga

---

<sup>28</sup> NEMER, Sylvia Regina Bastos. *Feira de São Cristóvão: Contando Histórias, Tecendo Memórias*. 2012. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012, p. 18

<sup>29</sup> WILLIAM, Rodney. *Apropriação Cultural*. In: Djamilia Ribeiro (org.). *Feminismos Plurais*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Pólen, 2019, p. 18.

de Tradições Nordestinas, lugar de encontro de gerações de migrantes<sup>30</sup>.

Além da Feira representar o momento de lazer dos migrantes na Cidade do Rio de Janeiro, igualmente permitia a conservação das relações de identidade e manutenção da memória viva, por meio das trocas de experiências as quais eram contadas para amenizar saudade da terra natal.

O Campo de São Cristovão também serviu de acomodação dos recém chegados que não tinham onde morar, lá se acomodaram e construíram uma verdadeira rede de solidariedade. Como eles eram “excluídos dos espaços frequentados pela elite, os migrantes nordestinos, [...] passaram a se apropriar das suas áreas antigas e desvalorizadas”<sup>31</sup>, sendo o Campo de São Cristóvão uma delas. Aquela área “abandonada pela elite, que trocou os tradicionais sobrados pelos edifícios altos construídos nos bairros novos surgidos à beira-mar”<sup>32</sup>, deu lugar aos nordestinos recém-chegados ao Rio de Janeiro com os seus conterrâneos.

Como já dito, às expectativas dos retirantes recentemente chegados muitas vezes não correspondia com a realidade encontrada, pois além das dificuldades em lidar com o novo, ainda enfrentavam o preconceito e a estereotipização por serem nordestinos. Eles eram tratados de forma depreciativa, ao serem chamados de “paraíbas”, cabeças chatas, e tanto outros adjetivos. De igual modo, os locais como as feiras identificadas pela cultura nordestina, também foram chamadas de “local de paraíba”, como bem observa Rodrigo Pinto na passagem abaixo:

O termo paraíba, atribuído também à Feira, foi uma forma pejorativa que as populações do Rio de Janeiro encontraram de se diferenciarem dos migrantes nordestinos. Ao se referirem ao retirante nordestino por este termo, os residentes involuntariamente realizavam uma negação de pertencimento a mesma realidade, a hábitos e costumes que se aproximavam. Por outro lado, a designação englobava uma série de populações de diferentes estados da região Nordeste, que estavam inseridos dentro de distintos contextos e realidades diversas.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> Feira de São Cristóvão. Disponível em: <<https://www.feiradesaocristovao.org.br/>> Acesso em: 05 de nov. 2020

<sup>31</sup> Feira de São Cristóvão. Disponível em: <<https://www.feiradesaocristovao.org.br/page2>> Acesso em: 05 de nov. 2020

<sup>32</sup> Idem

<sup>33</sup> PINTO, Rodrigo Sampaio. Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias: a Feira de Caxias como parâmetro de resistência cultural e social. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ 2018. P. 135

Essa visão estereotipada dos migrantes nordestinos, pode influenciar na própria percepção que possuem de si, afinal, a forma como somos vistos pelos outros é capaz de alterar a nossa própria concepção, uma vez que, a nossa autoestima ou subestima, em muitas ocasiões sofre os influxos da maneira pela qual somos enxergados nas interações sociais que estabelecemos.

Assim, o modo costumeiro como os retirantes nordestinos são vistos e/ou tratados por parte dos cariocas – como pessoas inferiores, é capaz de fazer com que estes absorvam uma imagem negativa de si, levando-os a uma baixa estima, podendo gerar uma negação da sua própria cultura, para que desta forma sejam aceitos na nova localidade.

É importante sublinhar que a Feira foi considerada um local à parte da cidade, “era vista por seus observadores externos, como um mundo isolado, alheio às regras de civilidade e mesmo de legalidade.”<sup>34</sup> Diante das perseguições sofridas os feirantes, se articularam e criaram uma associação como forma de manterem a Feira funcionando e ajudarem outros migrantes.

Novamente percebe-se que, através das redes de solidariedade, os retirantes foram construindo e firmando a sua cultura e sua história.

A repressão constante às atividades da Feira acabou mobilizando um grupo de feirantes liderados por Manoel Alexandre Alves, que, em 1961, criou uma organização voltada para a proteção da comunidade migrante. [...] Com os recursos arrecadados das taxas de anuidade pagas pelos sócios, a União Beneficente dos Nordestinos do Estado da Guanabara prestava assistência aos nordestinos necessitados, principalmente aos recém-chegados sem trabalho e sem moradia. Através da articulação com o poder público, a União Beneficente prosperou e conseguiu, por um tempo, manter as atividades da Feira a salvo das investidas da polícia.<sup>35</sup>

É importante apontar que o poder público apenas reconheceu a Feira como um lugar de memória dos nordestinos após sua consolidação enquanto espaço cultural da cidade. Isto ocorreu porque além de ser um local mal vista pelas classes dominantes, se tratava de um ambiente surgido contra a cultura hegemônica.

À visto disto, ante a ausência de incentivo governamental, a preservação do local partiu dos próprios feirantes, que mediante muita luta conseguiram manter suas tradições. Neste ponto, é relevante ressaltar que:

---

<sup>34</sup> NEMER, 2012. P. 35-36

<sup>35</sup> Idem

Preservar traços de sua cultura é também, hoje sabemos, uma demonstração de poder. Pois são os poderosos que não só conseguem preservar as marcas de sua identidade como, muitas vezes, ressemantizando-as na sua interpretação. Isso quando não recorrem simplesmente a destruição dos vestígios da cultura daqueles que desejam submeter. É do lugar da hegemonia cultural que se constrói representações de uma “identidade cultural”. Portanto, se consideramos a atividade de identidade referências e proteger bens culturais não apenas como um saber, mas também como poder, cabe perguntar: quem teria legitimidade para decidir, quais são as referências mais significativas e o que deve ser preservado, sobretudo quando estão em jogo diferentes versões da identidade de um mesmo grupo?”<sup>36</sup>

## **Considerações Finais**

As migrações nordestinas ocorreram em diversos momentos da história brasileira, impulsionada pela falta de políticas públicas, pelos grandes períodos de estiagem, e pelas condições econômicas sociais. Diante de tantas penúrias, essas pessoas se deslocavam em busca de melhores condições para viver.

No primeiro capítulo, apresento o contexto histórico das migrações nordestinas, demonstrando como se desenvolveu esse processo, apontando principalmente, os desafios enfrentados por esses indivíduos.

No mesmo capítulo, demonstro de que forma funcionava as redes de sociabilidade, e como isso contribuiu para os migrantes estabelecer-se na cidade do Rio de Janeiro.

Além disso, aponto a importância da mão de obra destes trabalhadores no desenvolvimento econômico e político do país.

Ressalto fundamentalmente as ambiguidades presentes naquela época, sobretudo do “milagre econômico”.

No terceiro capítulo, encerro apresentando a cultura nordestina, como forma de fortalecer e valorizar, os sentimentos de identidade desses sujeitos históricos. Pois em terra estranha, onde esses migrantes eram tratados como pessoas inferiores, o alento de vários nordestinos era encontrar seus conterrâneos nas suas horas de lazer, para matar a saudade da sua terra e preservar sua identidade, a exemplo da Feira de São Cristovão, local de resistência e promoção da cultura nordestina no Rio de Janeiro.

---

<sup>36</sup> Retirado do: “O Registro do Patrimônio Imaterial” - IPHAN, dezembro de 2006.

## Referências Bibliográficas

- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE JR., D. M. A invenção do Nordeste e outras artes. Recife: Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- BENEVIDES, Maria Victoria. O Governo Kubitschek: a esperança como fator desenvolvimento. In: GOMES, Angela de Castro (org.). O Brasil de JK. 2 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1991, p. 12.
- BRITO, Fausto. *As Migrações Internas no Brasil: Um Ensaio sobre os Desafios Teóricos Recentes*. Texto apresentado no Taller CELADE de Migracion Interna, Brasília, 2007: Urbanização, metropolização e mobilidade espacial da população: um breve ensaio além dos números.
- CALDEIRA, Teresa. A política dos outros (o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos). São Paulo: Brasiliense, 1984.
- COELHO, Tiago da Silva. *Migração Nordestina no Brasil varguista: diferentes olhares sobre a trajetória dos Retirantes*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.
- FONTES, Paulo. “‘Mala de papelão e patuá nas costas’: migrações nordestinas nos anos 1950 em São Paulo”. In. *Um Nordeste em São Paulo*. Rio de Janeiro: FGV, 2008.
- FURTADO, Celso. Formação Econômica do Brasil. 24 cd. São Paulo, Editora Nacional, 1991.
- GUILLEN, Isabel Cristina Martins. *A Batalha da Borracha: propaganda política emigração nordestina para a Amazônia durante o Estado Novo*. Revista de Sociologia e Política. N° 9, 1997.
- MEDEIROS FILHO, João; SOUZA, Itamar. *Os Degredados Filhos da Seca*. Petrópolis, Vozes, 1984.
- NEMER, Sylvia Regina Bastos. *Feira de São Cristovão: Contando Histórias, Tecendo Memórias*. 2012. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- PINTO, Rodrigo Sampaio. *Memória e identidade dos migrantes nordestinos no município de Duque de Caxias: a Feira de Caxias como parâmetro de resistência cultural e social*. Dissertação (Mestrado em História) Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ UERJ 2018.

POLLACK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol.2, n°3, 1989.

\_\_\_\_\_. *Memória e Identidade Social*. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: FGV, vol.5, n°10, 1992.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2010.

RIBEIRO, de Souza Rafaela. Feira de São Cristovão: uma incursão sobre os estudos na área e a tentativa de aproximação à relação global local. 2010. Dissertação (Mestrado em serviço social) - Faculdade de Serviço Social, Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

SILVA, José Ruberval. *Vida de viajante: uma análise da obra musical do compositor e intérprete Luiz Gonzaga na cidade do Rio de Janeiro (1940-1970)*. 2017. Dissertação (Mestrado em História social) - Departamento de História da PUC/RIO. Rio de Janeiro.

WILLIAM, Rodney. *Apropriação Cultural*. In: Djamila Ribeiro (org.). *Feminismos Plurais*. 1 ed. Rio de Janeiro: Editora Pólen, 2019

**Fontes:**

História Oral:

Depoimentos de migrantes nordestino: Francisco de Assis Damasceno

Depoimentos de migrantes nordestino: Maria Lucia Matias da Silva

Portal da Legislação

Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm)>

Acessado em: 06 de nov. 2020

LAGO, Luiz Aranha Corrêa do. “Milagre Econômico Brasileiro”. In: ABREU, Alzira Alves de. (org.). Ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro, FGV-CPDOC, 2001 [1984], Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/milagre-economico-brasileiro>> Acesso em: 27 de nov. 2020

Acervo Globo

Barra da Tijuca, década de 70.

Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-urbanizacao-da-barra-o-plebiscito-9331589> Acesso em: 06 de nov. 2020 Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-urbanizacao-da-barra-o-plebiscito-9331589>> Acesso em: 2 de nov. 2020

Acervo Globo.

Rio da Pedras. Disponível em: < <https://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/a-favela-de-rio-das-pedras-9583472>> Acesso em: 06 de nov. 2020

Correio do Amanhã. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional (Hemeroteca), ano 1971. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/089842\\_08/22070](http://memoria.bn.br/DocReader/089842_08/22070) > Acesso em: 06 de nov. 2020.

Agencia Brasília Disponível em: <<https://agenciabrasilia.df.gov.br/2019/10/24/nascidas-com-brasilia-as-ocupacoes-pioneiras/>> Acesso: em 19 de nov. 2020

Feira de São Cristóvão. Disponível em: <<https://www.feiradesaocristovao.org.br/>> Acesso em: 05 de nov. 2020

Feira de São Cristóvão. Disponível em: <<https://www.feiradesaocristovao.org.br/page2>> Acesso em: 05 de nov. 2020

IPHAN. O Registro do Patrimônio Imaterial: Dossiê final das atividades da Comissão e do Grupo de Trabalho Patrimônio Imaterial. Brasília: MinC/IPHAN 2006. 4° edição. Constituição da República Federativa do Estados Unidos do Brasil. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao34.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm). Acessado em: 06 de nov. 2020

### **Outras fontes:**

LOBO, Edú, FILHO, Oduvaldo Vianna: Live At Teatro Paramount, Sao Paulo / 1965: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9w7YfgVFg-g>. Acesso: em 3 de nov. 2020.

Rio das Pedras, morada de retirantes nordestinos: Disponível em: <http://nephu.sites.uff.br/programa/mapeando-conflitos/mapeando-comunidades/comunidades-do-rio-de-janeiro/rio-das-pedras/#:~:text=Localizada%20na%20Zona%20Oeste%20do,sendo%20aterrada%20pelos%20pr%C3%B3ximos%20moradores>. Acesso em: 04 dez. 2020

Memorial da Democracia: Disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/construcao-de-brasilia/5> Acesso: em 19 de nov. 2020